



RUINAS DO CASTELLO DE GARNACHE.

Garnache era antigamente o nome d'um governo, d'uma cidade, e d'um castello da Vendé. O governo comprehendia um quadrado de terra entre o mar, Bolonha, Machecoul e Apremont. Este senhorio parece ter estado quasi constantemente unido aos de Beauvoir-sur-Mer, Ile-Dieu e Noirmoutier. É provavel que se chamasse originariamente Ganache (*). É certo que nos documentos do seculo XII se lê *Gasnachia*, e que n'este tempo houve uma serie de quatro Pedros de Gasnache, possuidores do senhorio. O primeiro d'elles fundou, em 1110, o mosteiro de Lande em Beauchene, induzido por Pedro II, bispo de Poitiers; seu filho, Pedro II de Gasnache, doou ás religiosas d'este convento ametade das sibas que os seus vassallos pescassem em Beauvoir. Depois da morte do ultimo Pedro de Gasnache, o senhorio passou successivamente para diversas familias: pertenceu a Pedro de Dreux, duque de Bretanha; a Mauricio de Belleville, senhor de Montaigne; aos Clissons, Montendres, Rohans, Penthièvres, Guénégauds, Gondis, Vil-

(*) *Gasnachia, Garnaspia, Ganaspia, Guannache, Garnesche*, segundo os diversos documentos da epoca. Os aldeãos dizem hoje simplesmente *Ganache*.

lerois. Alguns annos antes da revolução, a terra de Garnache, que se tornara um marquezado, foi vendida á familia de Pas, acabando assim a sua historia feudal.

O castello e a cidade de Garnache estavam situados a quatro ou cinco leguas do mar. O geographo Nicolau Tassin desenhou-os nos seus *Planos e perfis das cidades e logares consideraveis de França*. Vê-se ahí que um e outro estavam cercados do mesmo contorno. O castello tinha seu contorno particular, inscripto no primeiro, e fortificado de torres e cortinas. Do lado de oeste, os muros eram banhados por um fosso que tambem cercava a cidade; do lado opposto, o contorno mergulhava n'um vasto lago. A cidade, collocada ao nordeste, não occupava maior espaço que o castello e seus jardins. Entrava-se n'ella por uma porta ao norte; e no castello por outra aberta no angulo do lago.

Reparada e renovada em diversas epocas, esta habitação foi incendiada durante as guerras da Vendé. Conservou comtudo até ao tempo do primeiro imperio os muros e a maior parte dos seus tectos com pyramides e cones elevados. Nada mais resta hoje que os despojos do torreão e al-

gumas torres: uma estrada departamental atravessa o contorno demolido.

Os muros do torreão, que parece datar do século XIII, não teem ornamentos: os fragmentos das torres redondas são, pelo contrario, ornados d'esculpturas; vastas janellas, ligeiramente arqueadas, allumiam grandes salas quadrangulares em cada andar. A torre que dominava o caminho do lago, e defendia a porta d'entrada, está coberta de hera.

Algumas recôrdações interessantes se ligam a estas ruinas. Em 1566, André de Rivaudeau, fidalgo do baixo Poitou, senhor de Groizardière em Chateaufort, proximo de Garnache, fez imprimir uma composição em verso, intitulada: *Aman, tragedia santa*, tirada do setimo capitulo d'Esther, e dedicou-a a Francisca de Rohan, senhora de Garnache e de Beauvoir-sur-Mer.

Proximo ao anno de 1584, o mathematico Francisco Vjète, natural de Fontenay, no baixo Poitou, retirou-se ao castello de Garnache, para junto de Francisca de Rohan, sua protectora. Em 1588, o castello de Garnache, defendido por Plessis-Gasté, sustentou contra os partidarios da liga, que o principe de Nevers commandava, um cerco longo e encarniçado, no fim do qual a guarnição, exhausta de viveres, de munições e de homens, capitulou, saindo com todas as honras da guerra. Em Maio de 1621, Garnache recaiu em poder dos protestantes, que combatiam no baixo Poitou sob o commando de Benjamin de Rohan. A praça foi retomada em 1622 pelo duque de Vendome, e arrasaram-se-lhe as fortificações por ordem de Luiz XIII. Ha muito tempo que uma pequena aldeia occupa o lugar da antiga cidade.

VIAGENS DE BECKFORD A PORTUGAL.

CARTA XXIII

Conclusão. *

Não posso abonar a erudição do prior, mesmo em materias ecclesiasticas, pois que elle positivamente affirmava ter sido o proprio Henrique VIII que fizera saltar os miolos de S. Thomaz Becket (ou de *Cantuarja*); e que na besta do Apocalypse era Luthero claramente designado. Aborreço altercações, e se não tivessem besuntado as minhas estampas eu nunca contradiaria sua reverencia; mas, como me achava um tanto fora da minha pachorra rebaixei-o um pouco em a opinião do conde acertando a verdadeira data do assassinio de S. Thomaz, e com argumentos soffrivelmente especiosos arredando de Luthero os cornos da besta e pespegando-os muito tesos... em quem pensaes que seria?... Em Ecolampadio. Um nome tão comprido, e que el-

les provavelmente nunca tinham ouvido pronunciar em sua vida, dando outro exemplo do triumpho do som sobre a intelligencia, abafou a disputa.

Eramos ao todo uns trinta ao jantar, e apenas começava a sobremesa veio Berti dizer-me que a senhora Arriaga e um rancho de donzellas do paço corriam a quinta a cavallo em galizianos e burros; apressei-me a ir encontral-as: eram D. Maria do Carmo e D. Maria da Penha, com seus cabellos fluctuando sobre os hombros e os grandes e bellos olhos tão espertos e desinquiets como os de uma antilope. Mandei apromptar o cavallo, e galopámos pelas lamedas, roçando por folhas, fructos, e flores; cada sopro da viração nos conduzia os sons dos oboés e trompas da musica da sala. As senhoras mostravam delectar-se infinito com a novidade e isenção d'esta sortida, e pesava-lhes que tão pouco tempo durasse, porquanto as sete eram obrigadas a voltar ao imprescriptivel serviço da rainha, e sendo a pena da desobediencia algum extravagante conto de fadas e metamorphose em abobara ou pepino, era forte o seu cuidado e ansia quando bateu a fatal hora das sete; felizmente não tinham de ir longe, porque sua magestade e a real familia estava tudo reunido na quinta de Marialva a participarem de uma esplendida merenda, e verem o fogo de artificio n'um conchegado camarim, que tem vista para o grande pavilhão, cuja festiva e phantasiada scena ganhava realce pelas luzes de innumeraveis velas de cera, que dos lustres de cristal para todos os lados reflectiam. A pequenina infanta D. Carlotta estava empoleirada n'um sophá conversando com a marquezia e D. Henriqueta, que ao modo oriental se haviam sentado no chão de pernas encruzilhadas; uma ranchada de damas d'honor commandada pela condessa de Lumiares, ficava a pouca distancia na mesma postura; a negrinha anã e valida, que chamam D. Rosa, vestida de escarlata mui vivo, não tão folgazã como eu tive o gosto de a ver no seu aposento de fada, estava agora mais sentimental encostada á porta, fazendo gaifonas a um esbelto moiro da casa do marquez.

Então a rainha, seguida de sua irmã e nora, a princeza do Brazil, levantou-se da merenda e tomou lugar em frente da gelozia, por detraz da qual eu estava collocado; as suas maneiras me fizeram impressão por serem characteristics de magestade e agrado; parece nascida para mandar, mas, ao mesmo tempo para fazer aquella summa autoridade mais querida que temida. A justiça e clemencia, mote ou divisa tão enormemente mal applicada na bandeira da detestavel inquisição, pode ser transferida com a mais restricta verdade para esta boa princeza. Durante a fatal contenda entre a Inglaterra e as suas colonias, a prudente neutralidade em que ella perseverou foi do mais vital beneficio para os seus dominios, e até agora o commercio nacional portuguez tem-se elevado, sob os benignos

(*) Do num. 20.

auspícios da rainha, a um grau de prosperidade que não tem precedentes. Nada excede o profundo respeito e cortezania que a sua presença inspira. O conde de Sampayo e o visconde de Ponte de Lima ajoelharam perante as augustas personagens com veneração nada inferior, cuidando eu, á dos mahometanos ante o tumulto do seu propheta, ou os tartaros acatando o Dalai-Lama; só o Marialva, que tomou o seu lugar do lado opposto a sua magestade, parecia conservar-se no seu usual desembaraço e modo alegre. O príncipe do Brazil e D. João figuravam estar enfastiados, porque estavam encolhidos, com as mãos mettidas nas algibeiras, as boccas em perpetuo bocejo, e os olhos vagueando de objecto para objecto na pasmaceira de regia ociosidade.

A etiqueta mais rigorosa encerra os infantes de Portugal dentro dos seus palácios, e raro se encontram, mesmo de incognito, misturados com a sociedade geral; por isso, aquelles seus lisonjeiros sorrisos ou os confidenciaes bocejos não se desperdiçam em observadores vulgares. Este modo de embalsamar principes em vida, não é, por fim de tudo, má politica; reveste-os de uma apparencia sagrada; concentra a sua real essencia, mui facil de evaporar-se pela franca exposição ao ar livre. Ainda que os individuos possam aborrecer-se d'este severo regimen, os apparatusos espectaculos d'estado terão a virtude de lembrar-lhes que por isso elles são cobertos de galas e reverenciados.

O conde de Sampayo, camarista, trouxe o chá á rainha, e apresentando-lh'o ajoelhou com ambos os joelhos. Finda esta cerimonia, porque o é qualquer coisa n'esta côrte fastosa, annunciouse o fogo de vistas; e as reaes pessoas com sua criadagem transferiram-se para um proximo aposento. A marquezia com suas filhas e a condessa de Lumiares vieram para o quarto do toucador onde eu estava, e tomaram posse das janelas. Sete ou oito rodas de fogo de artificio, como outros tantos turbilhões começaram a gyrar e zunir, ao mesmo tempo que a profusão de admiraveis foguetes por cordas partindo em direcções encontradas faiscavam e estoiravam, com infinito recreio da condessa de Lumiares que, posto que contasse apenas dezeseis annos, tinha casado havia quatro: a sua alegria juvenil, cabelle subtil, e côr mimosa, suscitaram-me tantas lembranças da minha Margarida, que não podia olhar para ella; estando com uma creança augmentava a parecença, e como occupasse o recanto da janella divisava-se por intervallos ao clarão azulado dos valverdes e pistolas que rebentavam subindo perpendiculares; senti agitar-se-me o sangue como se presenceasse uma apparição, e meus olhos arrasaram-se de lagrimas.

Deitadas as ultimas peças do fogo, partiram a rainha e infantes. A marquezia e as outras senhoras desceram ao pavilhão, onde tomámos uma refeição magnifica e verdadeiramente real. D.

Maria e sua irmã pequena, animadas pela illuminação deslumbrante, tropeçavam nos leves vestidos de cassa com toda a folgança e brinquedo de umas fadas, taes como eu as supponho descidas das nuvens fluctuantes, que Pillement representou tão excellentemente nas suas pinturas a fresco.

Continua.

M.

O DENTE D'UM MACACO.

D. Constantino de Bragança, que foi um illustre varão, notavel pelo seu governo da India, castigou as perfidias do rei de Jafanapatão, saqueando-lhe a capital.

No thesouro d'este rei encontrou-se uma singular reliquia. Era um dente de macaco, objecto de geral veneração na India.

Contava-se que um deus, por nome Hanimant, commettera uma grave falta contra Brama, e fôra por isso degradado, e transformado em macaco, com muitos outros deuses seus complices.

Esta colonia expulsa do ceo fixou-se no paiz dos Badajes, e reconheceu a Hanimant por seu rei. Depois d'isto os deuses macacos dividiram-se, e o poderoso Hanimant escolheu Ceylão para seu refugio; mas não podendo no cabo Remanacor encontrar um batel para passar o estreito, o atravessou aos saltos, fazendo a cada salto surgir d'entre as aguas uma ilha, para não molhar as sagradas patinhas.

Morreu em Ceylão em grande cheiro de santidade; e como preciosa reliquia se lhe conservou o dente, que successivamente passou das mãos do soberano de Ceylão para as do rei de Jafanapatão, e por direito de conquista veiu em fim cair nas dos portuguezes.

Apenas o rei de Pegu foi informado d'esta circumstancia mandou offerecer grandes sommas aos portuguezes pelo resgate da reliquia. D. Constantino de Bragança já estava disposto a acceptal-as, porque os cabedaes para proseguir nas guerras nunca sobravam na India, quando os jesuitas representaram que aquelle dente de macaco seria causa do christianismo correr ali grande risco.

Eis a força da sua argumentação: — Entregar a reliquia aos indios é mostrar-lhes que fazemos tanto caso d'ella como elles; e com ella, entregues assim á idolatria, não teremos força para os converter. Lançando-se ao fogo esse maldito dente, não teremos coisa que se opponha ás nossas pregações, e venceremos.

O argumento parecia forte, mas nem por isso o vice-rei e os homens graves queriam ceder; porém força lhes foi, porque em Goa havia um inquisidor geral, e os jesuitas achavam-se em todas as partes d'aquellas paragens.

O dente foi por fim condemnado a um auto de fé; e os embaixadores do rei de Pegu, que o vinham resgatar, tiveram o sentimento de se retirarem com a embaixada frustrada, tendo sido queimado em sua presença.



TOBIAS HOBSON.

Apresentando o retrato de Tobias Hobson, transcrevemos do n.º 509 do *Spectateur*, o que este jornal diz acerca d'elle.

«Tobias Hobson era um homem distincto; porque nós qualificaremos sempre assim o homem que ganhou honestamente a sua fortuna. Elle foi o primeiro em Inglaterra que teve a idéa de alugar cavallos. Habitava em Cambridge, e tendo notado a paixão com que os estudantes da universidade procuravam as occasiões de andar a cavallo, cuidou em estabelecer uma cavalleria onde os jovens fidalgos tivessem a certeza de encontrar pouco mais ou menos quarenta bons cavallos, e as competentes sellas, estribos, redeas e chicotes. Mas quem se apresentava para alugar um cavallo, era obrigado, qualquer que fosse o numero dos disponiveis, a aceitar aquelle que estava mais proximo da porta da cavalleria. D'este modo, cada cavalleiro era servido segundo a sorte a que se expozera pela hora a que vinha, e cada cavallo tinha a sua vez regular de trabalho. Esta condição, rigorosamente imposta e observada, deu logar a um proverbio. Quando se estava reduzido a uma escolha forçada, dizia-se: «É a escolha de Hobson.»

Vê-se ainda o retrato de Tobias Hobson, pintado a fresco, na estalagem do Toiro, em Bishopsgate-Street; é uma especie de satyra. Hobson está ali representado tendo na mão uma bolsa com cem libras esterlinas, com esta inscripção: «Mãe fecunda de outras cem!»

Tobias Hobson morreu em 1630, durante a peste, com oitenta e seis annos d'idade. Tinha feito construir á sua custa um aqueducto. Os estudantes de Cambridge compozeram muitos epigrammas a este honrado homem. Cita-se tambem um poema intitulado *A escolha de Hobson*.

COINCIDENCIAS NOTÁVEIS DOS NOVE ALGARISMOS COM A HISTÓRIA DE PORTUGAL, EM QUANTO DOMINOU N'ESTE REINO A LINHA AFFONSINA DE SEUS MONARCHAS: PEQUENO TRIBUTO DEDICADO AO ILL.^{mo} SR. J. DA C. CASCAES, EM TESTEMUNHO DE CONSIDERAÇÃO, POR SEU AMIGO M. DALHUNTY.

• Continuação.

ALGARISMO 2.

Dois principes francezes, Henrique e Raymundo, da mesma familia, vindos ambos á Hespanha em auxilio de Affonso, *segundo* do par que se seguiu a um par de pares de soberanos do mesmo nome, casaram com *duas* irmãs, filhas d'este rei de *dois* reinos (Castella e Aragão); e por morte de Henrique marido da *segunda*, que teve em dote com pouca differença *duas* provincias de Portugal, ficaram ambas as princezas viúvas, Tareja e Urraca, e *ambas* mães de um Affonso; uma de Affonso Henriques, outra de Affonso Raymundes.

As *duas* princezas, Tareja e Urraca, andaram em guerra depois de viúvas. Em suas desavenças, ambas prenderam por suspeita um arcebispo em seus estados; Urraca, o de Compostella; Tareja, o de Braga; e esta, que é a *segunda*, *duas* vezes tomou Tuy.

Os *dois* principes, filhos d'estas princezas, *ambos* desthronaram suas mães; e Tareja, vencida no castello de Lanhoso, morreu depois de *dois* annos de prisão, no dia anterior ao *segundo* de Novembro, *segundo* mez a contar do fim do anno, vinte menos *dois* depois de seu marido; governando a Egreja o papa Innocencio *segundo*, em 1130; isto é, na dezena que se seguiu a *segunda* do seculo decimo *segundo*.

..... Vencido de ira o entendimento

A mãe em asperos ferros atava:

Mas de Deus foi vingada em tempo breve

Tanta veneração aos paes se deve.

No anno 1179, ou 1177 e mais *dois*, prisioneiro de seu genro, casado com sua *segunda* filha, quebra D. Affonso Henriques uma perna, em Badajoz, que tinha tomado, e onde foi preso, de modo

Que estando na cidade que cercara
Cercado n'ella foi dos leonezes.

A pertinacia aqui lhe custou cara

Assim como acontece algumas vezes;

Qu'em ferros quebra as pernas indo acceso

À batalha onde foi vencido e preso.

Dois filhos e *dois* paes — Aben Jacob, filho de Aben Joseph, rei de Marrocos, põe cerco a Abrantes (1180) para se vingar de que D. Sancho, filho de Affonso Henriques, tenha chegado com as armas portuguezas até aos arrabaldes de Sevilha.

E assim fazendo quanto mal podia
O que em partes podia fazer mal,
D. Sancho vae cercar a Santarem
Porém não lhe succede muito bem.

Aqui foi D. Sancho descercado por D. Affonso aos 24 de *Julho* de 1184, ficando morto na batalha o Miramolim (2 vezes 24, trocados, 84).

Duas vezes teve de haver-se D. Sancho I com o S primeira letra do seu nome: Santarem, e Silves tomada, depois cercada por Aben Jacob, e finalmente perdida; bem como tambem perdida na batalha de Alarcos, a gente que mandou em auxilio de Castella. Em Santarem e Silves foi ajudado de cruzados inglezes em 1190.

Passados duas vezes dois annos mais, dois desgostos teve com a letra D de sua esposa: morre D. Doce; e tem logar o divorcio de sua filha mais velha D. Thereza, casada com o rei de Leão.

Falleceu D. Sancho I depois de recuperar Elvas ao Miramolim em 1212, com 57 annos de idade; 5 e 7, algarismos que differem de um, e cuja somma é 12.

O segundo par de reis de Portugal são ambos segundos: D. Affonso II e D. Sancho II. D. Affonso no principio do seu reinado, por causa de Montemor e Alemquer guerreia suas duas irmãs; D. Thereza, viuva do rei de Leão, e D. Sancha, abbadessa de Lôrvão.

Este monarcha teve de reconciliar-se com as irmãs para livrar-se da excommunhão que lhe lançou um papa Innocencio que se seguiu a Innocencio segundo. E no dia que precedeu o 22.º de Outubro, mez que precede os dois ultimos do anno (em 1217), com auxilio de cruzados alemães, alcançou victoria em uma grande batalha em que morreram os dois alcaides de Jaen e Cordova, que, com mais dois, os de Sevilha e Badajoz, e um exercito de dois quarteirões de milhares d'homens tinham vindo a defender Alcazer do Sal.

Foi D. Affonso II excommungado duas vezes; ambas por papas que se seguiram a segundos do mesmo nome: a primeira vez por Innocencio III, por desavenças com suas irmãs; a segunda por Honorio III, por ter feito sair do reino o arcebispo de Braga, a quem juntamente com outros prelados tinha querido constranger a contribuirem para as guerras. Morreu sem se reconciliar com o arcebispo, no 22.º anno do seu reinado, no dia que seguiu dois pares depois de duas dezenas d'elles, no mez que segue o 2.º do anno, e no anno que se seguiu a 1222. Fez duas bellas coisas: a primeira, leis geraes, e estabeleceu que a sentença de morte não podesse ser executada, sem que passassem 20 dias; segunda, prohibiu que se vendessem por preço excessivo as coisas necessarias á vida. Só foi tyranno, em não querer que os ecclesiasticos lhe opprimissem os vassallos. Succedeu-lhe seu filho Sancho II de idade de 20 annos.

Sancho segundo, manso e descuidado,
Que tanto em seus descuidos se desmede,
Que de outrem que mandava era mandado.
De governar o reino que outro pede
Por causa dos privados foi privado;
Porque, como por elles se regia
Em todos os seus vicios consentia.

Este monarcha subindo ao throno decidiu duas questões: a do arcebispo de Braga, por meio de arbitros ecclesiasticos; a das tias por outros arbitros, com o rei de Leão, que ellas tinham chamado em seu soccorro.

Dois concilios houve n'este reinado, mandados ambos fazer pelo segundo papa do segundo par de dois que se compunham de Innocencios.

No segundo d'estes concilios, celebrado em Avinhão aos 24 do 2.º mez dos dois seguidos em J, foi deposto D. Sancho, e nomeado em seu logar, regente de Portugal, o infante D. Affonso, que se achava então em Paris; no outro concilio, que fez n'este reino o cardeal, bispo de Sabina, teve-se por fim reformar a corrupção que se tinha introduzido, com o interdicto do predecessor d'este rei.

D. Diniz, fundador da ordem de Christo, estando em guerra com seu filho D. Affonso, pune de morte o governador de Leiria, que pelas desordens do infante, se fizera traidor. Tambem foi cercada e tomada Santarem ao mesmo infante; que, sendo ameaçado pelo arcebispo d'Evora, D. Girardo, cruelmente o mandou matar. Junto a Cintra se deram batalha, pae e filho; e ficando este desbaratado, passou a cercar Guimarães e tomou Coimbra. Aqui se dariam segunda batalha, se não fôra a intercessão de D. Isabel, vindo as pazes a ser feitas em Leiria.

Enfermou D. Diniz em Lisboa pela primeira vez; e tendo fundado por seu testamento a universidade de Coimbra, curou-se, mas para não ver curado de seus desvios o filho; que, depois de novas desordens foi segunda vez congrrado com seu pae, pela rainha D. Isabel. Caindo D. Diniz outra vez doente em Santarem, ali falleceu.

Fez primeiro em Coimbra exercitar-se
O valoroso officio de Minerva;
E de Helicon as musas fez passar-se
A pisar do Mondego a fertil herva.

Nobres villas de novo edificou,
Fortalezas, castellos mui seguros;
E quasi o reino todo reformou
Com edificios grandes, e altos muros.

Continua:

BARRA DE VIANNA.

• Descendo do rio Lima, que nasce da serra de S. Mamede, na Galliza, vamos encontrar no Oceano Atlantico, junto á cidade de Vianna, depois de um curso de perto de 100 milhas, um porto, que pouco acima d'este ponto tem nas

aguas do rio 150 metros de largura, e continua, em forma de esteira, pelo comprimento de mais de 6000 metros.

Vianna fica situada ao norte da foz do mesmo rio.

No esteiro d'este rio ha uma ponte construida pelo anno de 1819 que tem 900 metros de comprimento, e é formada de estacas, e com trinta vãos de 7,21 metros cada um.

Nas marés de agua viva, ficam cobertos os rochedos, que na maior parte formam a entrada do porto. O recife prolonga-se de SSO. a NNE. : e no comprimento de 1100 metros até a Lage do Ladrão. Tomando a distancia em angulo recto, desde a praia até a extremidade do recife, vão 1260 metros. No triangulo comprehendido entre o recife, o cabedello e o Bugio está situada a barra, sendo n'ella a altura de 4 pés. Na passagem exterior que conduz ao porto ha quatro rochedos, designados pelos nomes de Lage do Ladrão, Pedra de Polvos, Sarne, e Bugio. No recife ha um quebramar natural que protege a entrada do porto contra os ventos, exceptuando os de SSO. a SSE. Estes ventos soprando com grande força arremessam no porto grandes vagas e muitissima areia, augmentando-se assim o extremo do cabedello, que estreita o porto difficultando as passagens das marés e cheias, impedindo que a barra tenha a competente agua.

Tres passagens ha no recife, uma exterior, outra do centro, e outra interior. Estas passagens desviam a corrente, e evitam que ella exerça a sua força sobre a barra entre o recife e a praia.

Repetidos tem sido os estudos para melhorar esta barra, sem por ora, de quantas obras se tem empreendido, se colher proficuo resultado.

DA SUSPEITA.

O conde de Oxenstirn escreveu um livro de pensamentos e maximas moraes; do qual extrahimos o seguinte :

«É a suspeita, ou desconfiança fructo de uma má consciencia, e effeito do receio, que cada um tem de ser pago na mesma moeda com que regala os outros. Cré o ladrão, que todos roubam, e só um espirito malfazejo é que facilmente julga os demais capazes de maldade. A inveja, e a desconfiança tem quasi sempre o mesmo effeito; porque assim como a primeira consume o seu senhor, a segunda causa-lhe continuadas inquietações e desassocegos.

«O homem que é desconfiado, não é menos incommodo aos outros, do que a si proprio, e serve de grande obstáculo á tranquillidade de uma doce conversação. Não se parece pouco com um animal feroz, que morde muitas vezes, quando o querem amimar. Mais facil é acautelarse qualquer contra toda a casta de genios, do que do desconfiado: não ha cautela que tomar a respeito d'elle. O homem de virtude não é descon-

fiado: só o desalmado é que tudo explica com vantagem sua. A cada instante o offendem sem intento de offendel-o: pois elle se julga digno de opprobrio. Emfim, quanto a mim, estimo mais ter trato com um homem de espirito amesquinhado, que não é desconfiado, do que com aquelle, que desconfia com quantos ha no mundo. O primeiro paga-se da razão, e o segundo a cada instante se desgosta sem motivo.»

HOMENS COM RABO.

Varios periodicos de Paris occuparam-se, não ha muitos annos, dos homens com rabo, considerando-os como uma raça; e por este motivo mr. de Tremaux, que viu os povos que parecem os apontados por varios dos narradores africanos, publicou um extracto das suas investigações de viajante, desmentindo o facto, e d'elle vamos tomar alguns pormenores.

Primeiramente vejamos com mr. Tremaux quaes são as narrações que podiam fazer acreditar na existencia de tal raça.

D'entre vinte negros do Haussa, e suas visinhanças, que poderam dar as noticias recolhidas por mr. Castelnau, só tres pretendem ter visto homens com rabo: outro diz que viu com elle alguns meninos, advertindo que o rabo tem 30 a 40 cent. segundo uns, e até 70 na opinião de outros; mr. de Coret diz que o rabo de tal raça de homens só tem 8 a 10 cent. de comprido. Tres d'estes negros viram os Niam-Niams sem rabo, e lhes disseram que outros os tinham; porém elles o que viram foi que o seu vestido consistia unicamente n'uma pelle atada pela cintura. Outros quatro negros ouviram dizer que os Niam-Niams eram homens com rabo.

N'um artigo do *Boletim da Sociedade geographica*, de Janeiro de 1852, resume-se do seguinte modo as noticias recolhidas sobre o assumpto: «mr. de Couvet annunciava como certa a existencia na Africa de homens com rabo, ainda que não justificava a asserção. Posteriormente mr. Rocher de Hericourt, viajante da Abyssinia, diz que não viu taes homens, mas ouviu fallar na sua existencia. Muitos annos antes alguns viajantes tinham escripto no mesmo sentido, e em 1677 um hollandez, por nome João Struys, homem pouco digno de credito, assegura ter visto um homem com um rabo de pé de comprimento.»

N'uma lenda china e japoneza se faz menção de homens com rabo, que segundo uns é comprido e aveludado, e na opinião d'outros curto e pellado, como o da tartaruga. Hornemann tambem cita os Niam-Niams, que colloca entre a Abyssinia e o golpho de Benin, e que lhe certificaram ter um tal apendice. Mr. Abadie falla de um sacerdote abyssinio que lhe contou existirem homens com rabo de palmo, coberto de pello, e dizia que estes homens iam todos os annos á feira de Berberah. As mulheres d'esse paiz, situado a quinze jornadas ao sul de Harar, são formosas,

e não tem rabo. Mr. de Abadie refere que estando em Tigray, em Godar, e em Gojjam assentavam o tal paiz ao sul; e em Kambate e em Kaffa o collocavam ao norte. Segundo taes noticias o paiz em questão devia estar situado ao oeste da linha que o viajante percorreu; isto é nas montanhas que separam as fontes do Nilo.

Em quanto ao paiz indicado pelos negros de mr. Castelnau, dizem que está mais próximo do golpho de Benin, e como mr. Tremaux penetrou n'estas mysteriosas regiões com uma expedição de Mehemet-Ali, que saiu em busca de ouro, dá elle a seus leitores algumas noticias sobre o assumpto.

«Estando eu em Fa-Zoglo (diz este autor) mais adiante de Sennar, tambem fiquei attonito com as narrações dos indigenas. As pessoas a quem pediamos noticia sobre os povos onde deviamos penetrar, nol-os designavam umas vezes com o epitheto de *homens com rabo*, e outras com o de *homens com pelles*. Apesar d'esta confusão não tardei em reconhecer que se tratava de uma coisa mui simples, e eis o que vi no paiz dos Gumuss, de Gurum, e de Homotché.

«Os homens andam completamente nus, excepto uma pelle que assentam nos rins, e que termina em forma de um rabo. Tal rabo artificial pode ser curto ou comprido, liso ou felpudo, conforme a pelle está curtida; e n'estas comarcas não o usam as mulheres, o que talvez usem n'outras, pois a pelle parece destinada a fazer um molle assento. N'esta supposição as mulheres podiam tambem usar a pelle como os homens, se o estado de degradação em que vivem, não lhes impozesse mais duros costumes. Em quanto á ponta em forma de rabo, é para estirarem a pelle mais facilmente quando se sentam.

«Vemos pois que estes paizes não só correspondem aos indicados pelos srs. Hornemann, Abadie, e Rocher de Hericourt, mas tambem que o uso d'estas pelles foi causa do erro mais ou menos voluntario dos narradores africanos, que são muito afeiçoados a coisas maravilhosas. Estas relações contradizem-se em muitos pontos, se bem que se explicam perfeitamente pelo que acabamos de descrever.»

ALIMENTO DOS SELVAGENS.

O homem selvagem não experimenta a precisão d'uma variedade incessante d'alimentos que o aperfeiçoamento europeu tem creado. Cada povo selvagem ou barbaro tem uma alimentação limitada, que é a que lhe fornece o seu solo e da qual nunca se afasta. Assim os antigos designavam uma multidão de povos pelos nomes dos alimentos que elles usavam quasi exclusivamente. Diodoro de Sicilia, descrevendo as populações d'Africa, nos falla de *rhizophagos*, que vivem de raizes; de *spermatophagos*, que vivem do fructo das arvores; de *hylophagos*, que comem os renóvos; de *struthophagos*, que se sus-

tentam da carne do abestruz; de *acridophagos*, que comem gafanhotos; de *chelonophagos*, que vivem de tartarugas; de *ichthyophagos*, que se alimentam de peixe. Ainda hoje, á entrada do golpho persico, se encontram populações de que o peixe é, como no tempo de Herodoto, o sustento quasi exclusivo. Os groelandezes, e os tchutchis vivem unicamente de peixe ou da carne de animaes marinhos. Os povos caçadores preferem a veação; e os povos pastores ou creadores de gado, a carne dos seus rebanhos ou de animaes domesticos. Na America do Norte, os comanches e algumas outras tribus indias não tem outro alimento senão a carne dos bufalos, cujo caça constitue quasi o seu emprego. Da mesma sorte, as tribus da Siberia e da Laponia vivem da carne do rangifero, e os kalmukos, da carne de cavallo. Muitas povoações da Polynesia, entre as quaes os mames eram raros, comiam cão, cuja carne se tornava menos dura, por causa do alimento vegetal que exclusivamente lhe davam. Os garas de Assam, muitas povoações da Oceania, e certas tribus negras, comem serpentes, sapos, e outros reptis. Alguns, mais selvagens ainda, taes como os nagas de Assam e certas tribus da America, devoram até os insectos.

RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

Continuação.

LXXXVII

De como o marquez ao segundo dia de saque mandou tirar todos os escravos e gente do mosteiro de S. Gonçalo.

As freiras do convento de S. Gonçalo tinham fama de serem muito do serviço de sua magestade D. Filippe: por este respeito se metteram no mosteiro muitos homens e muitos escravos, e muitos d'elles eram do serviço do sr. D. Antonio: e como com o marquez vinham muitos homens que foram botados da terra, por serem contra o serviço do sr. D. Antonio, e outros estavam na ilha secretos, que se não descobriram; estes homens fizeram muito mal porque os soldados não conheciam a gente, nem o marquez os capitães, e elles lhes diziam tudo, porque muitos andaram com vinganças e fizeram matar muitos. Foram dizer ao marquez, que no convento de S. Gonçalo estavam recolhidos muitos homens contra o serviço d'el-rei D. Filippe, e estavam muitos escravos. Mandou o marquez, que todos os homens que estivessem dentro os levassem á cadeia, e que depois se saberia os que eram do serviço de sua magestade. Já neste tempo havia muitos presos: foram todos levados á cadeia, que eram muitos homens doudos, que eram João Romeiro, e Domingos Gonçalves, e outros,

que por uma lança se subiram nos muros, e por ella desceram abaixo, e não foram presos. Os escravos eram muitos: o marquez os mandou tirar todos, que seriam cem. Alguns ficaram escondidos. Estes todos mandou o marquez tomar para si, e por seus foram embarcados. Tanto que veio a noticia de outros homens, que estavam recolhidos na Esperança, dentro e fora se acolheram como poderam alguns, outros foram presos e levados ás galês. Tomaram as portas da igreja e eu vi um clerigo, natural da cidade e conego da sé, ir mostrar homens para serem presos aos capitães e sargentos que a isso iam, e tão indignado ia este padre, que estando ahi um homem mancebo, seu parente, que já estava malsinado, e se chegou a elle para que o livrasse da prisão, elle lhe não deu resposta, nem o escutou, nem se lhe deu d'elle cousa alguma. Vendo-se este homem mancebo nobre e fidalgo na agonia da prisão, temendo alguns trabalhos; tinha alli sua mulher, e tres crianças, dessimulou, e se aquietou tendo já commettido sair-se. O capitão dice: *Fidalgo, estae quedo, que não hade sair, que todos hão de ir presos.* Poz-se o dito conego em requerimentos com o capitão, que levasse preso a um clerigo que alli estava: o capitão dice: *Não trago ordem senão para prender leigos.* O conego a repetir que o podia prender, porque foi contra o serviço de sua magestade mais que outros: estando nesta referta o homem mancebo escapulio por detraz de outro padre que ahi estava. Depois da duvida acabada, comtudo, levou o padre preso ante o marquez, e quando pretendeu levar o sobredito era acolhido. Tornou-se o capitão ao conego, e a outro padre por nome Luiz d'Almeida, dizendo que se não foram clerigos os havia de matar, sem elles terem culpa alguma, antes se lhes dava pouco de o prenderem. Neste segundo dia já os presos não cabiam na cadeia, e os mettiam nas galês; e todos, ou a maior parte delles, capitães, homens fidalgos, cidadãos, officiaes de justiça, e muitos clerigos e frades.

LXXXVIII.

De como os francezes e portuguezes da capitania da Praia, e soldados, determinaram dar na cidade sobre o marquez.

O terceiro dia, estando muita gente da capitania da cidade na capitania da Praia, e assim os moradores da villa da Praia, e toda a sua jurisdição, temorisados de serem presos, como tinham por nova todos os capitães, ou parte delles, da cidade e seu termo estarem presos, e outra muita gente, e o estrago que ia, e as mortes e affrontas dos soldados por homens e mulheres, trataram com os francezes, que se juntassem e dessem sobre a cidade, porque os soldados andavam espalhados, e os que estavam na cidade descuidados, e que facilmente seriam com o favor de Deus vencedores, porque podiam ajuntar-se cinco mil homens, e que dariam de madrugada, estando elles dormindo, e que da-

riam por duas partes, que começaria a metade da gente pela banda do ponente, e que acudiriam os soldados lá, virando as costas ao levante, sem se precatarem das espaldas, antes cuidariam serem soldados seus, e que com esta traça teriam victoria ou vendérian bem as vidas quando a desventura fosse grande, porque tinham por informação, que alguns dos capitães, que no campo estavam ao segundo dia com os dois mil homens portuguezes, que o seu conselho era venderem bem as vidas, que estavam presos, e arrependidos porque o não fizeram, e que sem falta os haviam matar, e o mesmo havia fazer a todos. Posta esta pratica com os francezes e inglezes, diceram que lhes parecia bem, e estando o caso consultado, e imaginando como havia de ser, no mesmo entreveio um dos capitães, e por ver se podia remir sua vida sem guerra veio dizer ao marquez o que se passava e estava determinado. Agradeceu muito o marquez, e logo lhe perdoou a vida e fazenda, e logo mandou lançar bando os soldados se recolhessem a cidade, e mandou que dentro em tres dias todos os capitães, alferes, sargentos, e officiaes de justiça, se viessem de toda a ilha apresentar, porque lhes havia por perdoadas vidas e fazendas; e os francezes viessem para a cidade entregar as armas de fogo, e seriam perdoados, e lhes dariam embaração para se irem. Como os pregões foram divulgados em toda a ilha, tanto que viram a liberdade do marquez desfizeram o que tinham ordenado, não sabendo quem o viera dizer, nem sabiam que o marquez tinha noticia de seus intentos, senão depois d'ahi a muitos dias se veio a descobrir; mas os que tinha já presos lhes não deu perdão, e vieram todos apresentar-se ao dito general, e os aceitava. Todos os francezes vieram, e largaram os arcabuzes, mosquetes, frascos, e polvora, e somente lhes ficaram as espadas: e ordenou tres ou quatro naus grandes, e os mandou embarcar, e lhes deu os mantimentos necessarios para irem té França, e havia francezes homens de mar que foram por pilotos, mestres, e marinheiros, e levaram muito boas naus, e era no fim do mez de Julho, e foram a França a salvamento.

Continua.

A loucura dos homens tem feito apparecer as galas do luxo, não só nos natalicios, e nos consorcios, onde respira a vida, e o prazer; mas até nos funeraes, onde só avulta a miseria, e o nada.

Publicou-se o 3.º volume da ENEIDA de Virgilio, por Barreto Feio — preço 1:000 réis.

Publicou-se a comedia em 3 actos e 9 quadros, STAMBUL, original de Aristides Abranches — preço 300 réis.